

OS FEIRANTES DO RECÔNCAVO BAIANO

Pascal Motti

As feiras livres têm uma grande importância na vida sócio-econômica do homem do campo. É um ponto de encontro, de trocas de informações, de mercadorias. Apesar das transformações por que passaram ultimamente os meios de comunicação, incluindo-se os transportes, as feiras livres ainda podem ser consideradas como um espelho da vida e da organização regional.

Estudamos as feiras livres do Recôncavo baiano (Fig. 1) durante o ano de 1969 (1), com a aplicação sistemática de um questionário atingindo uma amostra variável de 30 a 80% dos feirantes presentes em cada uma delas (2). A amostragem foi precedida por uma contagem sistemática dos feirantes e, os questionários, distribuídos proporcionalmente em função da repartição dos tipos de produtos vendidos. Neste artigo, nos limitaremos apenas em caracterizar as origens e as atividades dos feirantes entrevistados.

1. A residência dos feirantes.

As respostas à pergunta sobre os locais de residência dos feirantes mostram que certas feiras recebem apenas o pessoal local, enquanto outras apresentam uma área de **drenagem** bem maior (Fig. 2).

Para facilitar a análise, os dados foram reagrupados em cinco conjuntos: os feirantes residentes no próprio município; os residentes num dos três maiores centros urbanos próximos (Salvador, Feira de Santana, Alagoinhas e os residentes nos "outros municípios". Raros foram os que declararam morar em outros Estados (3 casos) e mesmo em municípios estranhos à zona fisiográfica do Recôncavo.

Três situações se definem nas figuras:

- nas feiras de Maragogipe, São Félix, Mata de São João, Amélia Rodrigues, Nazaré, Sto. Antônio de Jesus e Aratuípe, os percentuais de feirantes residentes no município da feira são elevados: sempre superiores a 68% do total; em Cruz das Almas, São Sebastião do Passé e Camaçari a taxa abaixa, em proveito da categoria "outros municípios".
- nas feiras de Conceição do Jacuípe, Cachoeira e Aliança, as taxas de feirantes vindos de Feira de Santana ultrapassam sempre 20%; 19,6% dos feirantes de Pojuca são provenientes de Alagoinhas, que também envia 14% dos feirantes a Catu (onde Feira de Santana tem também mais de 20%).
- finalmente, nas feiras de Sto. Amaro, Candeias, Irará, Muritiba, Terra Nova, a diversidade dos locais de residência é bem maior mas sempre com uma taxa alta em favor de Feira de Santana.

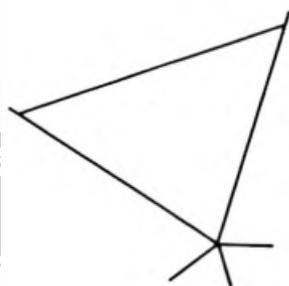
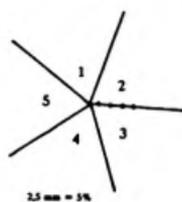
Nota-se que Salvador ultrapassa somente 3% do total em apenas 6 feiras (Mata de São João, S.S. do Passé, Camaçari, Catu, Candeias, Sto. Amaro). Alagoinhas tem significado regional em somente duas, as mais próximas: Catu e Pojuca. Assim, as grandes linhas de influência se delineiam. Desde já, se vê que Feira de Santana desempenha um papel regional importante, pelo menos ao nível das feiras livres (Fig. 3).

2. As outras feiras freqüentadas.

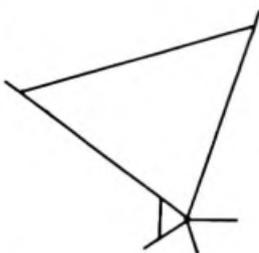
Um número relativamente reduzido dos feirantes trabalha em mais de uma ou várias outras feiras. Estas são: Sto. Amaro (12% dos

Fig. 2 LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS FEIRANTES

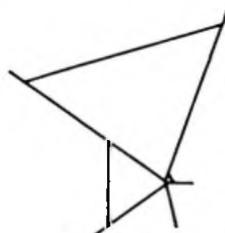
1. Município da feira estudada
2. Feira de Santana
3. Salvador
4. Alagoinhas
5. Outros municípios



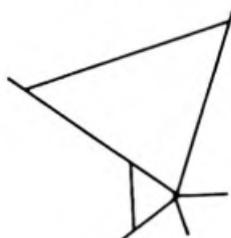
ARATUÍPE



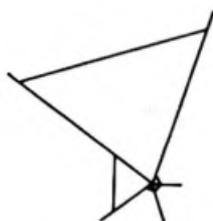
MARAGOGIPE



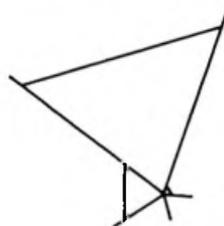
MARAGOGIPE - CAJÁ



S. FÉLIX



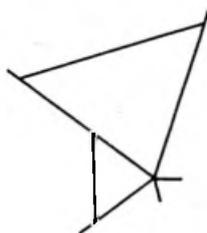
MATA DE S. JOÃO



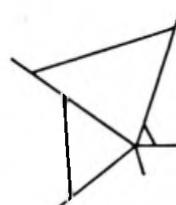
AMÉLIA RODRIGUES



NAZARÉ

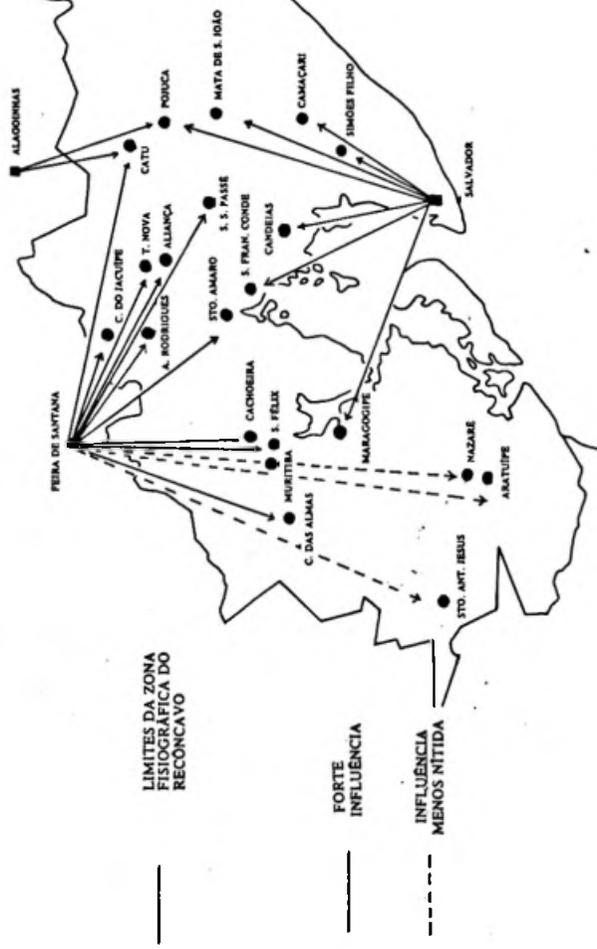


SANTO ANT. DE JESUS



CRUZ DAS ALMAS

Fig. 3 INFLUÊNCIA DE SALVADOR, FEIRA DE SANTANA E ALAGOINHAS NO RECONCÁVIO



ESCALA: 1:1.000.000

locais assinalados) Feira de Santana (11,9%), Cachoeira (6,1%), Conceição do Jacuípe (5,7%), Candeias (4,6%) e Ipirá (4%). O restante se divide em taxas negligenciáveis (56 outros locais assinalados).

Dois terços dos feirantes que disseram freqüentar uma outra feira não são domiciliados no local onde foram interrogados. Na maioria dos casos, a outra feira é na cidade ou no município onde eles residem. Os motivos alegados são variáveis: preferência por um determinado local, procura de lucros maiores (evitando-se a concorrência). É, este, sobretudo o caso quando se trata de cidades próximas umas das outras (Catu e Pojuca, por exemplo). O tamanho da feira entra também em consideração: as maiores (Sto. Amaro, Alagoinhas, Sto. Antônio de Jesus, Ipirá) são freqüentadas somente quando se têm bastantes produtos para vender.

3. Meios de transporte.

Os meios de deslocamento são bastante variáveis, sendo o transporte por animal o predominante:

Tab. 1 Meios de transporte utilizado pelos feirantes (% do total)

pés	animal	carro particular	caminhão de carga	autobus	trem	navio	diverso
18,0	40,6	4,8	25,2	6,0	1,8	0,5	3,1

Fonte: questionários (média de 22 feiras).

É interessante observar que, nas feiras onde a proporção de produtos alimentares é bem superior em relação aos demais, o transporte em lombo de animal também domina. Isso decorre da maior quantidade de agricultores.

O animal é utilizado para levar as verduras, frutas, farinha de mandioca, sobretudo na zona do fumo e no sul do Recôncavo. No Norte, a farinha de mandioca viaja também de caminhão. O animal é quase sempre utilizado pelo agricultor-vendedor, e tem a vantagem de passar por onde o caminhão não pode fazê-lo.

Parte dos produtos artesanais (cerâmicas em particular) é também levada por animais, assim como uma pequena parte da carne seca.

O caminhão é cada vez mais utilizado. Os produtos transportados quase sempre já foram objetos de uma comercialização, mesmo

quando o revendedor é agricultor durante a semana. Parte dos feirantes estoca os produtos na cidade, alguns dias ou mesmo semanas antes da venda (produtos manufaturados artesanais, feijão, farinha de mandioca, milho etc.) e se desloca a pé ou de ônibus, quando não reside aí.

Na realidade, o meio de locomoção traduz ainda um outro aspecto: os agricultores usam sobretudo o lombo de animal ou vão a pé; os feirantes "ocasionais" (pequenos funcionários públicos, artesões, etc.) andam a pé (eles moram geralmente na própria cidade) enquanto que os "profissionais" se deslocam sempre em caminhão, ou até mesmo em carro particular.

Assim, a importância relativa dos diversos meios de transporte é um outro fator de diferenciação das feiras (Fig. 4). As "feiras de animais" — em Muritiba, Maragogipe, São Félix, Aratuípe, onde eles constituem mais de 60% dos meios de transporte, em Sto. Antônio de Jesus, Nazaré, Cruz das Almas (onde constituem mais de 40%) e até mesmo em Cachoeira (36,2%) — se opõem às "feiras de caminhão" em Conceição do Jacuípe, Terra Nova, Aliança, Santo Amaro, onde este transporte atinge uma percentagem de mais de 42%. Existem também os casos, intermediários. E somente em Iará há um equilíbrio entre os dois meios de transporte: 49,2% é de caminhões e 32,5% é de animais.

4. As atividades dos feirantes.

Já tivemos oportunidade de mencionar a existência de feirantes "ocasionais" e de feirantes "profissionais". Entre os primeiros, os agricultores são sempre mais numerosos:

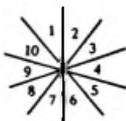
Tab. 2: Principal atividade dos feirantes: % das respostas

agri- cultura	agri- cultura + outra atividade	feira	outras formas de comércio	arte - sanato	operário + serviços	funci- onários + aposen- tados	pesca- dores	outras ativi- dades	sem resposta
57,9	0,5	13,2	7,7	4,1	2,3	1,3	3,6	0,6	8,8

Fonte: questionários (média de 22 feiras)

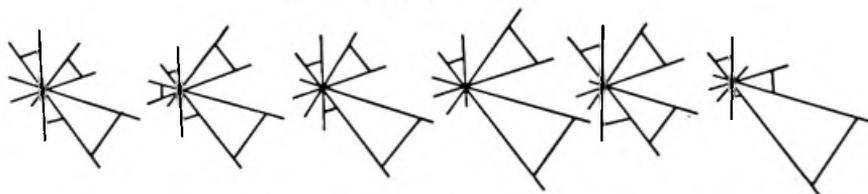
Fig. 4 MEIOS DE TRANSPORTE

1. Pés
2. Carro de mão
3. Animal
4. Carro particular
5. Caminhão de carga

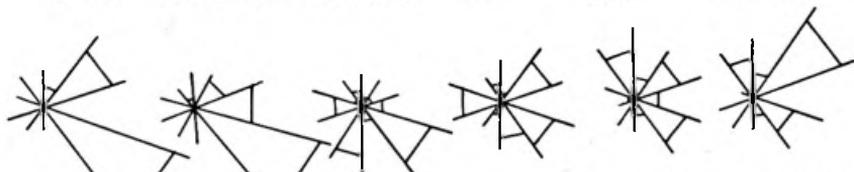


6. Autôbus
7. Trem
8. Navio
9. Diversos
10. Sem indicação

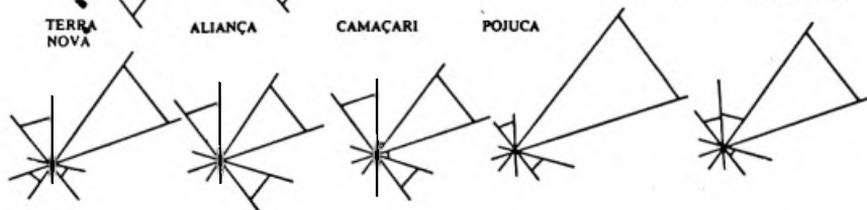
2,5 mm = 1%



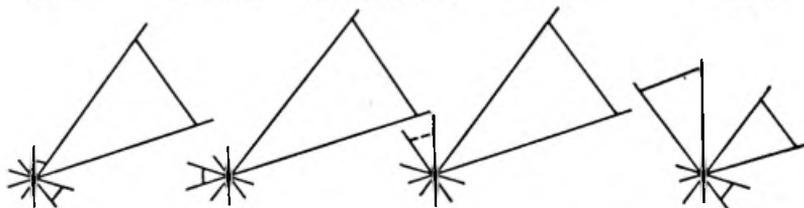
CANDEIAS S.S. DO PASSÉ C. DO JACUÍPE IRARÁ CATU STO. AMARO



TERRA NOVA ALIANÇA CAMAÇARI POJUÇA M. DE S. JOÃO C. DAS ALMAS



NAZARÉ CACHOEIRA STO. ANT. DE JESUS MURITIBA MARAGIPE



MARAGIPE - CAJÁ S. FÉLIX ARATUÍPE AMÉLIA RODRIGUES

Seria, entretanto, errado pensar que estes agricultores são sempre produtores. Na realidade, freqüentemente eles acrescentam a sua produção à dos vizinhos que dispõem de uma quantidade insuficiente para justificar a ida para a feira. Geralmente, são pequenos proprietários, parceiros, meeiros e, às vezes, empregados agrícolas de uma grande fazenda.

A participação dos agricultores é máxima na zona do fumo (Muritiba, Sto. Antônio de Jesus, Maragogipe) e sempre importante nas outras. Somente 4 feiras fogem desta regra: Camaçari (33,3%), Cachoeira (39,7%), Sto. Amaro (33,7%) e Candeias (39,0%). Nota-se que se trata das duas antigas "metrópoles" do Recôncavo tradicional e de duas cidades fortemente marcadas pelo desenvolvimento de atividades modernas industriais (Fig. 5)

Os agricultores vendem quase que exclusivamente produtos do campo (frutas, verduras, farinha de mandioca, pequenos animais vivos, às vezes peixe seco, carne de porco, feijão, etc.) e artesanais (panelas de barro).

Os feirantes "profissionais" constituem o segundo grande grupo. Na maioria, são vendedores de produtos manufaturados (roupa, tecidos, sapatos, artigos de armarinho, louças, etc.) e, às vezes, alimentícios (farinha de mandioca, feijão, carne verde e carne seca). Eles residem geralmente em Feira de Santana, Salvador, Sto. Amaro, mas somente ultrapassam 20% do total dos feirantes presentes em Irará, São Sebastião do Passé e Conceição do Jacuípe, isto é, as feiras mais próximas de Feira de Santana. Esta última cidade, aliás é o principal lugar de compra dos produtos que serão revendidos por eles.

A essa categoria podem ser acrescentados os comerciantes, proprietários de quitanda ou de pequena loja, que levam à praça parte de seu comércio no dia da feira.

Em média, estes dois grupos de feirantes representam mais de 79% do total.

Um terceiro grupo, mais heterogêneo, é constituído por feirantes que exercem uma outra atividade "urbana" durante a semana: operários (pedreiros, pintores, carpinteiros), pequenos funcionários públicos, estudantes. Eles moram na própria cidade, compram nos caminhões ou no comércio os produtos para revender (manufaturados, feijão, sobretudo), e ultrapassam 10% do total em apenas 6 feiras (Cruz das Almas, Mata de São João, Camaçari, Cachoeira, Sto. Antônio de Jesus e Aratuípe). Sem que isso esteja realmente muito nítido, eles parecem mais numerosos na zona do fumo.

Fig. 5 PRINCIPAL ATIVIDADE

1. Agricultura

2. Feira

3. Outras formas de comércio

4. Artesanato

2,5 mm = 5%



5. Diversos

6. Pesca

7. Sem indicação



MARAGOGIPE - CAJÁ



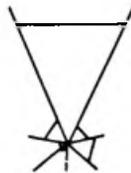
S. FÉLIX



MURITIBA



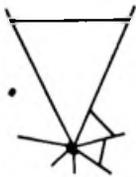
STO. ANTÔNIO DE JESUS



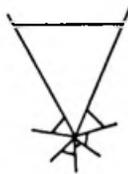
NAZARÉ



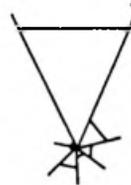
ARATUÍPE



MARAGOGIPE



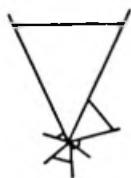
CATU



CRUZ DAS ALMAS

Fig. 5. Continuação

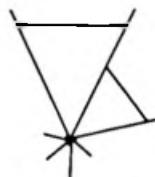
2,5 mm = 1%
2.5 mm = 1%



TERRA NOVA



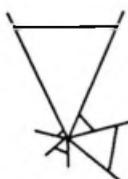
S. S. PASSÉ



C. DO JACUIPE



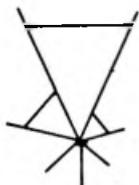
IRARÁ



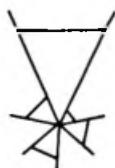
ALIANÇA



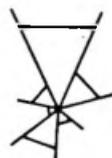
POJUCA



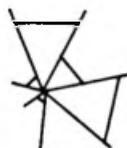
AMEL. RODRIGUES



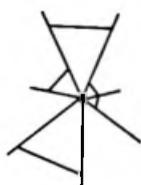
M. DE S. JOÃO



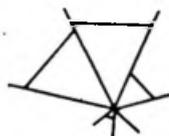
CACHOEIRA



STO. AMARO



CAMAÇARI



CANDEIAS

Os artesãos podem ser agricultores (produtores e vendedores de cerâmica) ou cidadãos (alfaiates, sapateiros, fabricantes de fifós, baldes de pneu, etc.). Eles são menos representativos do que se poderia esperar.

Finalmente, será necessário ainda mencionar uma última categoria de pessoas que trabalham na feira: são as donas de barracas de merenda, onde os feirantes e os fregueses se encontram, desta vez num plano mais social que econômico.

Conclusão

Neste comentário, procuramos identificar melhor um dos aspectos da feira livre: os homens que a freqüentam. É um aspecto parcial de um problema mais complexo, mas permite desde já se fazer uma idéia do papel atual das feiras na região. Este papel ainda existe mas perdeu muito da sua significação. Por outro lado, Feira de Santana aparece como o principal "polo" para as feiras livres, mais que a própria Salvador, metrópole política e econômica do Recôncavo.

- (1) Pascal Motti: "Mécanismes commerciaux et organisation de l'espace dans un pays sous-développé: les foires de la région de Salvador, Bahia (Brésil)" Tese de doutoramento em 3º ciclo apresentada na Universidade de Toulouse (França), 143 p. 28 fig. 1970.
- (2) Aproveitamos a oportunidade para agradecer às Profas A.Déa Erdens e T. Cardoso da Silva, diretoras do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade Federal da Bahia e aos colegas e estudantes que participaram da aplicação dos questionários nas feiras, em particular a Profª Célia Peixoto Motti e as universitárias Mª da Glória P. Sacramento, Olívia C.A. Vergne e Irlene P. Magnavita que nos acompanharam em mais de 20 das 22 feiras estudadas.

RESUMÉ

L'analyse des réponses à un questionnaire appliqué sur les marchés du Recôncavo de Bahia permet d'étudier le lieu de résidence des forains, leurs activités et le type de transport qu'ils utilisent pour se rendre au marché. La plupart de ces forains sont des agriculteurs mais la proportion de professionnels est élevée. L'influence de Feira de Santana semble plus important que celle de Salvador dans le Recôncavo.

RESUMO

A análise das respostas a um questionário aplicado nas feiras do Recôncavo baiano permite estudar o local de residência dos feirantes, suas atividades e os meios de transporte utilizados para ir a feira. A maioria destes feirantes é de agricultores, mas a proporção de profissionais é alta. A influência de Feira de Santana parece maior que a de Salvador.